



A oratória ao serviço da missão: o discurso “O Amor de um Deus”, de José Joaquim de Sena Freitas.

Oratory at the service of mission:
the speech “The Love of a God”, by
José Joaquim de Sena Freitas.

Texto recebido em:

24/07/2025

Texto aprovado em:

17/11/2025

V. 15 - N. 34 - 2025

* Professor Auxiliar
Convidado do Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade dos Açores, Ponta Delgada, Portugal;
Investigador Integrado do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, Portugal. Contato: rui.mv.faria@uac.pt

*Rui Tavares de Faria

Resumo

Pouco conhecida e aprofundada no âmbito dos estudos literários, a obra do Pe. José Joaquim de Sena Freitas (nascido em Ponta Delgada, Açores, em 1840 e falecido no Rio de Janeiro, em 1913) reveste-se de particular importância para o conhecimento da chamada literatura de apostolado, na qual se inscrevem géneros discursivos diversos, como o sermão ou o romance edificante. No presente artigo, procura-se dar a conhecer não só o homem e o missionário que foi o Padre Sena Freitas, mas também o orador que constrói e concebe os seus discursos ao serviço do seu espírito de missão. Para isso, além da apresentação biográfica e do percurso religioso do Padre Sena Freitas, propõe-se uma análise do discurso “O Amor de um Deus”, proferido na ilha de São Miguel, em 1897, como exemplo de um sermão que se presta a evangelizar a

audiência e revela as singularidades de uma eloquência expressa num estilo admirável, moderado e sóbrio.

Palavras-chave: Sena Freitas, Sermão, Apostolado, Missão, Oratória.

Abstract

Little known and explored in the field of literary studies, the work of Father José Joaquim de Sena Freitas (born in Ponta Delgada, Azores, in 1840 and died in Rio de Janeiro in 1913) is of particular importance for the understanding of the so-called literature of apostolate, which includes various discursive genres, such as sermons or edifying novels. In this article, we seek to present not only the man and missionary that Father Sena Freitas was, but also the speaker who constructs and conceives his speeches in the service of his missionary spirit. To achieve this, in addition to the biographical presentation and the religious journey of Father Sena Freitas, we propose an analysis of the speech 'The Love of a God,' delivered on the island of São Miguel in 1897, as an example of a sermon that is suitable for evangelizing the audience and reveals the singularities of an eloquence expressed in an admirable, moderate, and sober style.

Keywords: Sena Freitas, Sermon, Apostolate, Mission, Oratory.

Introdução

Embora seja breve, Jacinto do Prado Coelho faz uma apresentação da figura do Padre José Joaquim de Sena Freitas (Ponta Delgada, 1840 – Rio de Janeiro, 1913) no Dicionário de Literatura. Num parágrafo único, diz-se que era

homem viajado, de ampla curiosidade mental, missiou no Brasil em vários períodos e [se] dedicou à literatura do apostolado (do sermão ao romance edificante), de reflexões, de recordações de viagens. Combateu o positivismo de Comte pelo que nele se opõe ao espiritualismo cristão. Senhor prosa tersa e vigorosa, com algo de camiliano (lembre-se que foi amigo de Camilo, de quem desenhou o *Perfil*), travou famosas polémicas com autores de crueza ou irreverência escandalosas, como Junqueiro (*Autópsia da Velhice do Padre Eterno*, São Paulo, 1886), António Enes, a propósito da peça Os

Lazaristas, Júlio Ribeiro, a propósito de *A Carne*. Hoje está esquecido, porque a sua obra ficou demasiado presa à circunstância. (Prado Coelho, 1997, p. 353-354)

Para o leitor contemporâneo menos especializado em matéria de estudos de literatura, de oratória discursiva e de textos de carácter religioso, a informação transcrita dá conta, em traços gerais, do perfil do missionário nascido na ilha açoriana de São Miguel, na primeira metade do século XIX. Na verdade, o verbete de Jacinto do Prado Coelho põe, desde logo, em evidência as duas grandes facetas por que ficou conhecido Sena Freitas: o espírito de missão e a prática da oratória. Fazendo por viver os preceitos seculares da Igreja, o padre açoriano corre o mundo com o objetivo de evangelizar e missionar as comunidades onde se vai fixando. É no Brasil, porém, que acaba por passar mais tempo, tendo vindo a morrer aí, na cidade do Rio de Janeiro, três anos depois de implantada a República na pátria onde nascera.¹

De modo a concretizar a missão que a si arroga de ministro da doutrina cristã católica, o Padre Sena Freitas dedica-se à literatura do apostolado, escrevendo e proferindo sermões de uma eloquência exímia, encontrando na oratória o meio através do qual poderia deixar nos ouvintes não só a semente da Palavra de Deus, mas também a sua perspetiva firme em princípios e valores humanos que, a partir da segunda metade do século XIX, começam a ser ameaçados pelas ideologias que então se instauraram e propagam um pouco por toda a Europa, como o positivismo, o darwinismo, o realismo e o naturalismo.

A sua posição perante as novas ideias nunca o afasta, contudo, da sua condição primeira, a de missionário e ministro da mensagem evangélica. Sena Freitas sabe equilibrar a sua visão com as dissidências ideológicas que tantas vezes o incomodaram, inclusivamente do seu próprio conterrâneo Antero de Quental (1842-1891). Este equilíbrio é, pois, uma característica que o demarca e eleva enquanto homem, missionário

1. Para um estudo mais aprofundado acerca da figura de José Joaquim de Sena Freitas, da escassa bibliografia existente, *vide Luz*, 1940 e 1941, *Gaspar Simões*, 1947.

e orador. Assim sendo, no presente artigo, incidiremos primeiramente a nossa reflexão sobre o espírito de missão que adota o Padre José Joaquim de Sena Freitas, procurando destacar os momentos da sua jornada que mais o singularizam no âmbito missionário, a partir da referência e de breves análises aos seus escritos, para, num segundo momento, determinar o nosso olhar sobre a sua arte oratória enquanto forma de dar voz ao espírito de missão de que é imbuído. É efetivamente através do sermão – tipologia de argumentação discursiva de natureza religiosa – que Sena Freitas cumpre a missão de evangelizar os seus ouvintes. Neste sentido, propomo-nos analisar o discurso intitulado “O Amor de um Deus”, proferido na freguesia de São José, em Ponta Delgada, em 1897, no Dia do Sagrado Coração de Jesus, com o objetivo de caracterizar a sua arte oratória e nela reconhecer particularidades de linguagem e estilo que o aproximam, por exemplo, do Padre António Vieira, como sejam a eloquência, o rigor e a sobriedade.

O espírito de missão

Segundo assinala João H. Anglin, no “Breve Antelóquio” da Antologia de textos da autoria do Padre Sena Freitas, publicada em 1968, pelo Instituto Cultural de Ponta Delgada,

ainda criança, já o futuro missionário dos sertões do Brasil revelava decidida vocação para o estado sacerdotal, pois sabe-se que foi menino do coro em Vila Franca do Campo, onde seus pais por algum tempo residiram, e onde, na ermida de Nossa Senhora da Vitória, promovia devoções piedosas, embora ingênuas. (Anglin, 1968, p. IX)

Apesar de serem questionáveis os argumentos apresentados para justificar a vocação religiosa que se apossa de José Joaquim de Sena Freitas, pois integrar o grupo coral e praticar devoções não são condição sine qua non do apelo ao sacerdócio, certo é que a vivência da espiritualidade cristã católica desde cedo se manifesta na construção da sua identidade enquanto homem de fé. A vocação religiosa é um chamamen-

to individual e Sena Freitas atende, ao que parece, ainda em tenra idade, ao apelo divino para se tornar ministro e missionário da Palavra de Deus.

Na verdade, o termo “missão” deriva do verbo latino *mitto*, que significa “enviar”. Logo, aquele que toma para si uma missão é enviado para dar cumprimento a um dado projeto. De acordo com a Igreja Católica, a missão que implica o envio de sacerdotes ou religiosos para um dado território com o objetivo de evangelizar não é uma incumbência institucional, é o convite para um modo de vida para o qual nem todos os clérigos são talhados ou foram chamados. Com o propósito de divulgar a doutrina e converter ao cristianismo as populações não europeias com as quais os portugueses se iam cruzando e com quais as iam contactando, ao longo das expedições ultramarinas que os levaram a África, ao Brasil e ao Oriente, as missões eram criadas e desenvolvidas por jovens sacerdotes que contavam com o apoio de uns quantos voluntários leigos e dos nativos das terras descobertas, achadas e colonizadas pelo povo luso. Foi assim que sucedeu, desde que os portugueses se lançaram ao mar rumo ao desconhecido. Foi assim que sucedeu, por exemplo, com o Padre António Vieira que, ainda criança, parte para o Brasil com a família e, em 1614, inicia os primeiros estudos no Colégio dos Jesuítas da Bahia para, mais tarde, se tornar num paradigma inigualável tanto do espírito de missão, como da arte oratória em língua portuguesa.

No caso do Padre José Joaquim de Sena Freitas, a infância passa-a nos Açores, na ilha de São Miguel, mais precisamente em Vila Franca do Campo, onde faz os estudos primários. Ingressa, depois, no Seminário de Santarém, instituição que lhe confere a conclusão dos estudos liceais, e “a sólida preparação teológica foi-lhe ministrada em Paris, no Seminário de S. Lázaro, da Congregação dos Padres de S. Vicente Paulo” (Anglin, 1968, p. X). Com efeito, contrariamente a Vieira, para quem o autodidatismo é, em paralelo com a formação jesuítica, um fator a considerar no que se refere ao seu espírito de missão, Sena Freitas é um homem de outro tempo. O século XIX é um século de grandes mudanças, a vários níveis, tanto em Portugal, como na Europa ou no Brasil. José Joaquim

de Sena Freitas é herdeiro de convenções sociopolíticas e ideologias filosóficas e religiosas que não existiam na época de António Vieira. Tudo isso se reflete no processo de formação da sua identidade enquanto missionário.

Contudo, apesar de a sua instrução e de a sua época lhe poderem proporcionar formas diferentes de exercer o sacerdócio e de pôr em prática o seu espírito de missão, “tal como Vieira, também Sena Freitas percorreu os sertões do Brasil a pregar o Evangelho de Cristo com prejuízo da saúde e do bem-estar, que fácil lhe seria obter em alguma sinecura tranquila, na metrópole.” (Anglin, 1968, p. XI). Na realidade, o missionário micaelense assume, como os primeiros cristãos, a total entrega à vocação que Deus lhe deu, e experimenta voluntariamente o espírito de sacrifício, vivendo o desprendimento material em prol do outro e ao serviço da divulgação da doutrina cristã.

Se, por um lado, o espírito de missão de Sena Freitas se operacionaliza e se concretiza por meio das inúmeras viagens e expedições que o levam a proclamar o Evangelho aos mais diversos povos e comunidades, por outro lado, também se manifesta pela posição que o sacerdote adota perante a sociedade sua contemporânea. Neste contexto, trava vários combates ideológicos, sobretudo os que punham em causa os pressupostos da fé cristã, “mas no fragor da contenda, no mais acesso da luta, nunca se esquecia da sua condição de Padre, de ministro de uma religião de caridade e amor e não de vingança e ódio” (Anglin, 1986, p. XIII). Do conjunto de documentos escritos sobre essas lutas ideológicas, impõe-se destacar, a título exemplificativo, o “Sermão sobre a Igreja Católica defrontada com o Protestantismo”, pregado na cidade de Piracicaba, no Estado de São Paulo, onde então existia uma considerável propaganda protestante e onde o orador foi ouvido por muitos ministros daquela seita.

Trata-se de um discurso coeso, coerente do princípio ao fim, e cuidadosamente elaborado no sentido de não promover uma invenção ao

Protestantismo. O Padre Sena Freitas dirige-se ao seu público com prudência e moderação, fazendo uso de um tom adequado ao tema sobre o qual se propõe discursar. Evitam-se ataques que em nada de bom contribuiriam para o sucesso do seu espírito de missão, que é o de manter fiéis os crentes católicos e não os deixar cair na tentação e nas malhas do pensamento protestante. Vejamos duas passagens do referido sermão que, embora pouco extensas, confirmam a ponderação com que o orador desenvolve o assunto em causa com vista à missificação dos seus ouvintes, procurando não melindrar o alvo com o qual se defronta a Igreja Católica, o Protestantismo. À medida que vai doutrinando a audiência, com referências precisas da e à Sagrada Escritura, tece considerações de carácter geral de modo a captar a atenção e a estimular a reflexão do ouvinte:

A experiência demonstra, de facto, que fora da Igreja, mesmo apesar de estudos profundos e aturados, o homem, entregue à independência da sua razão, acaba pela dúvida, pelo indiferentismo e pela incredulidade, enquanto pelo magistério católico, uma simples criança, que tenha aprendido suficientemente o seu catecismo, conhece todo o conjunto harmónico e admirável das verdades da religião. (Sena Freitas, 1968, p. 52)

A Igreja é a sociedade das almas; são os Estados-gerais da Verdade sobre a terra. Ora, do mesmo modo que, nos Estados ordinários, há um poder que julga em última instância e que não é julgado; para o qual se apela e de quem não se apela, é igualmente necessário, para o reino das almas, um tribunal supremo do qual não se apela, ou cujas sentenças sejam inapeláveis. Daqui a infalibilidade. (Sena Freitas, 1968, p. 57)

Ainda que constituam breves transcrições de um sermão relativamente longo que podem ser lidas e interpretadas fora do contexto em que surgem de facto, ambas mostram como o orador cumpre a missão para que fora instruído: evangelizar com moderação, sem ferir suscetibilidades ou atacar explicitamente as ideologias contra as quais, no fundo, se insurge. No primeiro exemplo, Sena Freitas recorda que é na infância que tudo se dá: a fé cristã manifesta-se e cabe à Igreja alimentá-la em

verdade. Assim, o homem adulto terá crescido auxiliado pela doutrina e não incorrerá no erro de se entregar “à independência da sua razão”. A Igreja não nutre a dúvida, não é indiferente nem incrédula, porque ela é, como se lê na segunda passagem transcrita, “a sociedade das almas.” Tal como há uma sociedade formada por indivíduos que obedecem à governação de um líder ou soberano, também há um sociedade constituídas pelas almas, a qual é governada por Deus. A justiça divina é infalível, ao contrário da dos homens, proveniente dos Estados ordinários, que detêm o poder de julgar, mas que não são julgados.

A oratória ao serviço da missão: “O Amor de um Deus”

A prática da arte de falar em público constitui, na verdade, uma das armas mais poderosas e significativas ao serviço da missão. Se o recurso ao sermão se presta a esclarecer e a convencer os crentes católicos relativamente à exposição a que estão sujeitos, em matéria de ideologias e seitas que comprometem os preceitos da Santa Madre Igreja, é também pelo sermão que o Padre Sena Freitas evangeliza e faz crescer a fé dos fiéis que o ouvem. Efetivamente, “os seus sermões, discursos e conferências, que preparava com escrúpulo e carinho, raramente improvisando, são verdadeiras obras-primas que nos trazem à mente, respeitadas as diferenças dos tempos e dos costumes, as orações de Vieira no púlpito sagrado” (Anglin, 1968, p. X)

É nesta linha de ideias que se inscreve o discurso “O Amor de um Deus”, proferido pelo Padre José Joaquim de Sena Freitas na freguesia de São José, em Ponta Delgada, em Agosto de 1897, sobre o Sagrado Coração de Jesus, na desta solene que ali se realizou por esta ocasião, e que nos compete analisar e comentar, à luz dos pressupostos por nós defendidos de que a oratória se constrói, na obra do sacerdote micaelense, ao serviço do espírito de missão que ele para si toma. Enquanto exemplo de um sermão de carácter religioso, o discurso “O Amor de um Deus” segue a estrutura convencional dessa tipologia argumenta-

tiva. i.e., o orador parte de um conceito predicable que sugere metaforicamente o tema e o assunto propostos no exordium; em seguida, apresentam-se a expositio e a confirmatio para, depois, se encerrar com a peroratio. A nossa análise de “O Amor de um Deus” far-se-á de acordo com essa estrutura.

O conceito predicable e o exordium

Recuperando um processo retórico típico da oratória barroca, o qual consiste no recurso a uma passagem bíblica na qual se alicerçam o tema e o assunto a serem desenvolvidos pelo orador no sermão, o conceito predicable do discurso em apreço, da autoria do Padre Sena Freitas, é um versículo extraído do Evangelho Segundo S. João (3, 16): Sic enim Deus dilexit mundum (“Foi assim que Deus amou o mundo.”). Neste contexto, a premissa evangélica anuncia o teor do sermão, pondo desde logo em evidência os elementos já indicados no título: “Deus” e “Amor”.

Depois de se dirigir à audiência através de uma saudação que, na forma de tratamento “Meus senhores e meus irmãos dilectíssimos em Jesus Cristo”, mantém a mensagem de amor expressa no conceito predicable pelo uso do adjetivo “dilectíssimos”, que significa “muitíssimo amados”, no grau superlativo absoluto sintético, tem início o exordium. Segundo Fernanda Carrilho (2001, p. 59),

o exódio, ou *proemium*, é uma parte do discurso que se reveste de grande importância na medida em que é o primeiro passo para a *captatio benevolentiae* (captar a atenção e benevolência) dos ouvintes. O orador deverá ser sensível ao auditório que tem à sua frente e desenvolver o seu discurso, tendo em conta a suas características. Não deverá começar num tom muito monótono, mas também não deve fazê-lo em tom muito elevado senão, como dizia Terrones, poderá “espantar a caça” (Adriano Prospéri, “O Missionário”, in *O Homem Barroco*, p. 137)

Moderado e consciente do público que assiste à sua preleção, o qual é seu conterrâneo e o ouve pela primeira vez “na cidade onde nasc[eu], no próprio templo onde t[e]ve a ventura de receber o batismo” (Sena Freitas, 1968, p. 4), José Joaquim de Sena Freitas começa o seu discurso num tom sereno e convidativo, fazendo alusão a um breve episódio que envolve São Paulo:

Um dia que São Paulo passava diante do pórtico do Areópago de Atenas, viu gravada sobre o frontispício esta inscrição – *Ignoto Deo: ao Deus Desconhecido*. Então, penetrando no Areópago e tomando a palavra em presença dos sábios que ali se tinham reunido, disse-lhes com aquela isenção e aquela oportunidade hábil que lhe inspirava o seu génio vulturino: “Passando em frente do vosso Areópago, acabo de ler a seguinte inscrição – *Ao Deus Desconhecido*. – Pois esse Deus que vós adorais sem o conhecer, é esse que eu ouso vir neste momento anunciar-vos.” (Sena Freitas, 1968, p. 1)

Mobiliza-se a primeira captatio benevolentiae do discurso por meio de uma história que convida a audiência a envolver-se no relato narrado, iniciado pela expressão temporal “um dia”, que faz lembrar o incipit dos contos populares da tradição oral. Apresenta-se, logo em seguida, o protagonista do episódio, o apóstolo São Paulo que foi um dos mais influentes e notáveis escritores, teólogos e pregadores do cristianismo, na sua fase primitiva. Não se trata, portanto, de uma figura de somenos. A história dá conta de uma situação em que São Paulo se confronta com a necessidade de anunciar aos sábios que se encontravam no Areópago de Atenas a doutrina do seu Deus Desconhecido. Serve o episódio de “pretexto” para o Padre Sena Freitas, ali investido da função de orador e mensageiro da Palavra de Deus, propor à audiência o discurso que ele tem preparado: “E é dEle que eu venho também falar-vos senhores.” (1968, p. 1)

Explicitado o tema estruturante do discurso – a figura de um Deus Desconhecido –, o pregador pretende defender a tese de que “O amor de um Deus é a primeira e a última palavra do universo, e o coração é

o historiador autêntico das obras que omnipotência realizou." (1968, p. 2). Repare-se que o uso do determinante artigo indefinido "um", aplicado a "Deus", não constitui uma forma de generalização ou desmerecimento da divindade, pois mantém relação linguística com o mote inscrito no frontispício do Areópago de Atenas: é, na realidade, de um "Deus Desconhecido" que o orador se propõe falar. Só assim Ele poderá ser conhecido. A missão do Padre Sena Freitas assemelha-se, então, à de São Paulo perante os sábios gregos de antigamente: anunciar o Ignotus Deus, desvelando-o, e incutir nos ouvintes que Ele é Amor em tudo quanto se manifesta.

Temendo, porém, que a audiência perca a atenção e/ou o interesse naquilo que lhe está a pregar, o orador mobiliza um novo momento de captatio benevolentiae:

Tudo me fala do Coração de Deus neste incomparável espetáculo. Como ele sorria para vós, meus patrícios, quando transmitia à vossa ilha a graça senhoril da princesa do Arquipélago Açoriano; quando punha nesses montes o abrupto majestoso dos desfiladeiros da Suiça [sic], quando desatava madeixas de águas puríssimas e copiosas nas arestas das vossas colinas, quando escavava lagos formosos e vastos no fundo dos vosso vales para os astros se mirarem nesses lagos, quando afestoava de hortênsias sem número as encostas dos montes e os algares das crateras, quando franjava de variadíssimos fetos, como de rendas fantásticas, as grutas da vossa ilha e vestia de incrível fertilidade essas planícies que só pedem à semente um pretexto para produzir, e passeava o pincel ultra-genial do artista único, desde o colorido das flores mimosas que parecem idílios até às sombras profundas dos pinheirais que se melham recintos de meditação! Como não ver, repito, a mão, e ainda mais, o Coração de um Deus em tudo que Ele realizou e manifestou pelo seu Verbo? (Sena Freitas, 1968, p. 3)

Ilustrativa de uma prosa poética com insinuações bucólicas, a nova captatio benevolentiae processa-se gramaticalmente de forma explícita, tanto através do vocativo sintático "meus patrícios" – o mesmo é dizer

“meus conterrâneos” -, como pelo uso de deíticos flexionados na segunda pessoa do plural (“vós”, “vossa”, “vossas”, “voços”, ...). Quanto ao assunto por meio do qual o Padre Sena Freitas apela à atenção dos ouvintes, enaltece-se a beleza natural da “princesa do Arquipélago Açoriano”, i.e., a ilha de São Miguel, destacando-se elementos variados, desde montes a desfiladeiros, desde nascentes de água a crateras vulcânicas, de maneira a evidenciar o resultado da ação divina na criação de tão majestoso cenário.

Após este momento discursivo, Sena Freitas termina o exórdio, voltando a pôr em destaque a importância dos que o ouvem, procurando que assumam com ele o compromisso de reconhecer no sermão que profere a transcendência da Palavra de Deus, que é Amor. Assume a sua condição de humilde servo do ministério cristã e pede auxílio a Deus para que o ajude no cumprimento da sua missão:

Depois disto não se invoca a benevolência de um auditório, conta-se com ela, mas o orador sente-se sempre pequeno e nulo diante de Deus e em face de um assunto tão transcendente como o amor de Jesus Cristo para com os homens. Se eu tivesse tido a dita de reclinar a minha cabeça, como João Evangelista, sobre o peito do Redentor, bem sei o que diria a assembleia cristã. Contentar-me-ei, ó divino e doce Mestre, que uma só daquelas chamas em que arde o Vosso Coração toque meus lábios, passando pelo meu coração tíbio e miserável. Nesta esperança princípio. (Sena Freitas, 1968, p. 3)

Expositio e confirmatio

A expositio inicia-se de imediato com a explicação do culto do Sagrado Coração de Jesus que naquele dia se celebrava. Depois de um parágrafo de natureza mais informativa, o orador confirma, primeiramente, o “preito de veneração suprema” que ele próprio, enquanto missionário de Cristo, presta ao culto do Sagrado Coração de Jesus para, em seguida, incluir toda a audiência na homenagem que é devida à divindade. Na verdade, a partir do quarto parágrafo da segunda parte do discurso

“O Amor de um Deus”, a enunciação passa da primeira pessoa do singular, lexicalmente expressa pela forma verbal “Presto” e pelo determinante possessivo “Minha”, para a primeira pessoa do plural, promovendo, assim, a união e a comunhão entre o orador e a audiência traduzidas pelo “nós” que, doravante, se assume a persona loquens do discurso. O orador pretende que todos quantos ali se encontram, ele próprio incluído, partilhem da mesma fé e aspirem ao Amor de um Deus, cujo Sagrado Coração, que incarnou em Jesus Cristo, é objeto de culto e celebração:

[...] em todo o culto completo há para nós um objeto visível que nos conduz ao invisível, porque somos um composto harmônico de corpo e alma, e estes dois elementos, espiritual e corporal, influem reciprocamente um no outro e prestam-se a um mútuo apoio.

Se fôssemos apenas espirituais, como os anjos, ser-nos-iam inúteis tais meios exteriores. Somos, porém, espírito e matéria; o próprio culto deve acomodar-se à nossa dupla natureza e o seu objeto, por conseguinte, prender a estes dois mundos, espiritual e corpóreo. Não nos basta um Deus invisível, intangível, puramente ideal, aspiramos invencivelmente a um Deus humanado, que possamos amar ao nosso modo humano, com a plena expansão que só pode ser provocada pela identidade de uma natureza homogénea com a nossa e em cuja imagem, sem que absorva a hipóstase divina, possamos todavia rever alguma coisa de nós mesmos. [...]

O Infinito pessoal não se define, nem pode haver definição do Infinito, porque definir é limitar um ser, estremendo-o de outro, ora o Infinito não conhece limites. Porém se fosse possível defini-lo, iríamos buscar ao Evangelho uma palavra, que caracteriza melhor que nenhuma outra a natureza deste Infinito pessoal nas suas relações connosco: “*Deus é todo puro Amor*”, tal a Sua essência. São termos equivalentes Deus e Amor. (Sena Freitas, 1968, p. 6-7)

A confirmatio inicia-se precisamente com outra captatio benevolentiae. Desta vez, o Padre José Joaquim de Sena Freitas interpela o auditório por meio de uma frase imperativa, “Continuai a estar comigo.”, cuja mensagem, aparentemente clara e objetiva, encerra, afinal, um sentido que não apenas o de pedir que continuem a prestar atenção ao discurso

que o orador profere. Ao solicitar-lhe que continue com ele, o pregador apela à audiência para que permaneça, com ele e como ele, na fé e n' "O Amor de um Deus", como pressupõem os argumentos e os exemplos que, em seguida, se apresentam:

Continuai a estar comigo. Quaisquer, por outro lado, que sejam as opiniões emitidas pelos filósofos e fisiologistas, é força convir que a sede das impressões, dos fenômenos sensacionais e afetivos, é o coração, pelo menos tanto como o cérebro. O sábio que nos nossos dias mais engenhosamente dissertou sobre esta questão toda fisiológica, afirma que o coração e o cérebro estão em relações incessantes de ação e reação, e conclui por dizer que é do coração que procedem as condições de manifestação dos sentimentos.

Quem não sabe que as vivas e ternas emoções do amor o dilatam, que a alegria o desafoga, que a dor intensa o comprime? Tal como o coração dos homens, o Coração do Homem-Deus sofreu emoções de idêntica natureza.

Foi para expiar a grande dívida dos nossos delitos e misérias que na hora solene e tétrica da Sua Paixão Se sentiu "triste até à morte."

Foi sob a horrível agonia do jardim de Getsémani, que Lhe transudou de todos os poros um copiosíssimo suor sanguíneo que regou o chão do Olival da Judeia, naquela para sempre memorável noite. Foi no meio de uma verdadeira tempestade de amargura que explodiu do Seu coração desolado aquele gemido de suprema angústia, que parece ter-se cristalizado nas páginas do Evangelho que no-lo refere – "Meu Pai, meu Pai, porque me abandonaste?" E quando voltou o grito final do *Consummatum est*, foi o coração que Lhe estalou nos lábios.

Não será, pois, este coração físico credor de todos os nossos preitos? (Sena Freitas, 1968, p. 7-8)

Embora não nomeie o autor dos estudos fisiológicos a quem faz menção, nem explice as fontes em que apoia as suas considerações, os argumentos e exemplos apresentados revelam alguma autoridade, até porque acabar por culminar no testemunho legado pelo Evangelho. O tom da argumentação mantém-se moderado, mas o recurso às interrogações retóricas não deixa de imprimir ao discurso certo dinamismo,

com o objetivo de cumprir a função de mouere (persuadir, convencer) os ouvintes, levando-os a refletir sobre o tema proposto pelo orador.

Apesar de introduzida pelo marcador discursivo “porém”, que comporta, semanticamente, um valor adversativo, a terceira parte do discurso “O Amor de um Deus” não constitui uma oposição ao que foi proferido até àquele momento, mas um outro lado da questão, que reforça a confirmatio num plano mais alegórico e/ou metafórico, uma vez que o orador dirige as suas palavras ao Deus Desconhecido e lhe faz um pedido:

Sai, portanto, ó palavra incriada, Filho único de Deus vivo, saí do seio beatífico de Vosso Pai que Vos gerou antes de todos os séculos, e descei a anunciar aos homens o segredo desse seio misterioso, tão distante e tão desconhecido de nossos pensamentos. Fê-lo! Durante três anos não cessou de nos revelar o segredo dos conselhos divinos e das verdades eternas, ou ignoradas ou obliteradas. Ora pois; em que se resume e se consubstancia tudo quanto nos revelou sob a pena do evangelista? Nestes dois conceitos – o destino final do homem é Deus – e – Deus amou em tanto extremo o mundo, que lhe deu e sacrificou Seu mesmo Filho Unigénito, para que o que n'Ele acreditar não pereça, mas tenha a vida eterna. (Sena Freitas, 1968, p. 9)

A argumentação prossegue, desta feita centrada no tópico fundamental do sermão, que é o Amor, o de Deus e o dos homens. Neste sentido, o discurso, que antes se fazia, com alguma persistência lexical, direcionado ao “vós” a partir do “eu”/“nós”, amplifica-se e ganha uma dimensão mais generalista e abrangente, deixando de se endereçar apenas à audiência que ali se encontra. O orador critica subtilmente os que apelida de “pensadores livres”, porque não reconhecem que Deus charitas est; alude aos “zeladores punitivos da dignidade divina”, porque não concebem o Amor humano como uma manifestação natural do Amor de um Deus.

Para sustentar os seus argumentos, o Padre Sena Freitas serve-se não só de exemplos bíblicos, como o caso de Jacob e Raquel, mas também de episódios da mitologia greco-latina, como o amor de Leandro

por Hero. Receando deixar o auditório com dúvidas – talvez pela ausência de referentes bíblicos ou mitológicos –, o pregador recorre a outros nomes e evoca outras situações que robustecem a sua argumentação. Alude, por exemplo, à

viúva do capitão inglês, John Franklin, [que, sob a pressão do mais puro afeto conjugal], consegue do governo britânico que várias expedições, em parte custeadas por ela mesma, fossem rebuscar, entre os gelos do polo norte, o cadáver do seu marido, vítima de um arrojo infeliz. (Sena Freitas, 1968, p. 11)

Ou refere, ainda, que, “pelo amor sublime da Humanidade, Vicente de Paulo percorre, à meia-noite, as ruas ermas de Paris, em cata de criancinhas expostas nas sargentas e nos esgotos, e rouba a inocência à desalmada do vício para a entregar aos extremos maternais da uma Filha da caridade” (Sena Freitas, 1968, p. 11)

Através da exemplificação apresentada, o orador pretende que as suas palavras tenham um impacto de comoção junto do público que o escuta. Por isso, volta a apelar à benevolência dos ouvintes e deixa-lhes duas interrogações que abrem caminho à reflexão final do sermão: “[...] e vós não julgais o Homem-Deus capaz de igual amor, de iguais abnegações e heroísmo? Se o filho da Eva decaída assim ama, como não amará o Filho de Maria?... [...]” (Sena Freitas, 1968, p. 11).

A peroratio

Embora não surja em parte destacada, correspondente a um capítulo autónomo, como acontece com o exórdio, a peroração do discurso “O Amor de um Deus” tem início quando Sena Freitas direciona, de novo, o conteúdo do sermão para a audiência que tem in praesentia, de forma direta e suscitando até certa interação, mesmo que do público não obtenha respostas verbais:

Pois bem: o coração de cada um de nós também é instrumento sonoro, que não sei que haja corda mais so-

nora que aquela que um puro amor faz vibrar. Afinemos, pois, o instrumento do nosso coração pelo de Jesus Cristo; supliquemos-Lhe que Ele próprio o afine e nele module o cântico *excelsior* do bem e da virtude, e que finalmente o nosso afeto saiba, grato, responder ao Seu afeto. (Sena Freitas, 1968, p. 12)

Em termos de marcas linguísticas, o uso repetido da conjunção com valor conclusivo “pois” e do advérbio de modo “finalmente” anuncia a conclusão do discurso. A partir do parágrafo transrito, cumprem-se os dois principais propósitos da peroratio: por um lado, lembrar à audiência os pontos fulcrais do sermão (*recapitulatio*) e, pelo outro, influenciar as suas emoções (*affectus*). O orador procura certificar-se de que convince quem o ouve e incute a mensagem de que o Amor é o caminho certo para se viver, mesmo que implique sofrimentos, desânimos e dúvidas. É em Deus, no Deus Desconhecido, que é possível encontrar a fonte do Amor. Para isso, o pregador adverte:

Cessemos por uma vez de ser egoístas e frios como a gélida indiferença.

Dar é fácil, é grato, é volúpia, para uma alma bem formada, e dar o coração é a suprema felicidade, quando sabemos a quem o damos, que dá-lo é gozar a intensidade de uma vida dupla. Ora em que melhores mãos pode ele cair do que nas mãos do Seu autor? (Sena Freitas, 1968, p. 13)

Por fim, e a anteceder as bênçãos com que se despede do auditório seu conterrâneo, o Padre Sena Freitas ainda lhe coloca uma última questão e lhe faz os últimos pedidos:

Senhores: Sentis vós lá dentro do peito alguma coisa que palpita forte, com um sentimento novo, ao som das palavras do obscuro orador que vos fala?

Então dai-me o que é o fruto dos meus esforços, empenhando no vosso bem moral. Uni-vos a mim em perfeita comunhão de afetos [...] (Sena Freitas, 1968, p. 14-15)

Reconhecendo a função didática em que deve enformar o seu discurso, José Joaquim de Sena Freitas procura incutir no auditório ensina-

mentos que promovem a união na fé, pela vivência do Amor em Cristo, recorrendo ao Coração para atingir o objetivo fulcral em que se edifica todo o sermão.

Conclusão

No dia em que se comemora, no calendário religioso católico, o Sagrado Coração de Jesus, o Padre Sena Freitas escolhe um tema adequado à ocasião e serve-se do discurso oratório com fins de missão. “O Amor de um Deus” é um sermão exemplar e edificante, escrupulosamente preparado, em termos de conteúdo e ao nível da forma. Efetivamente, sobre o que discursar num dia solene que celebra o Coração de Cristo? De que forma se move o apostolado da união? Em que medida faz sentido falar de um tema que não seja o Amor, sentimento em que assenta a fé e a partir do qual se manifesta a caridade?

Através de um sermão devidamente estruturado, à luz dos preceitos da ars oratoria e fazendo uso pertinente de processos de retórica diversificados, pretende-se que a argumentação surta os efeitos desejados, que são agradar (*delectare*), persuadir (*mouere*) e ensinar (*docere*) os ouvintes. “O Amor de um Deus” cumpre estes princípios e ilustra um exemplo de eloquência e moderação discursivas que fazem do Padre Sena Freitas um orador consciente e ponderado. Herdeiro de uma tradição oratória que tem na figura do Padre António Vieira um modelo inigualável, no panorama literário português, José Joaquim de Sena Freitas destaca-se por, na segunda metade do século XIX, período conturbado a vários níveis, sobretudo ao nível ideológico, não ter perdido a convicção da sua fé nem ter desmerecido o seu espírito de missão, continuando a recorrer à oratória para evangelizar e doutrinar as suas audiências: ele é “certamente o melhor índice do que poderia e deveria ser o catolicismo português do seu tempo, ora revelando-o, ora contrastando-o.” (Clemente, 2002, p. 92)

Referências

- ANGLIN, João H. Antelóquio. In SENA FREITAS, Pe. José Joaquim. *Antologia*. Ponta Delgada: Instituto Cultural, 1968, p. I-XIII.
- CARRILHO, Fernanda. Sermão de Santo António aos Peixes de Padre António Vieira. Análise da Obra. Lisboa: Texto Editora, 2001.
- CLEMENTE, Manuel. Vitalidade Religiosa do Catolicismo Português: do Liberalismo à República. In: AVEZEDO, Carlos Moreira (dir. de), História Religiosa de Portugal, Vol. 3. Lisboa: Círculo de Leitores, 2002, p. 87-99.
- GASPAR SIMÕES, João. Sena Freitas. In: GASPAR SIMÕES, João (dir. de), Perspectiva da Literatura Portuguesa do Século XIX, Vol. 1. Lisboa: Edições Ática, 1947.
- LUZ, Denis. Padre Sena Freitas homem da Igreja e do seu tempo. Lumen 4 (7), p. 425-436, 1940.
- LUZ, Denis. Fisionomia intelectual e moral de Sena Freitas. Lumen 5 (7), p. 551-563, 1941.
- PRADO COELHO, Jacinto do. Padre José Joaquim de Sena Freitas. In PRADO COELHO, Jacinto (Coord.). Dicionário de Literatura. Porto: Figueirinhas, 1997, p. 353-354)
- SENA FREITAS, Pe. José Joaquim. Antologia. Ponta Delgada: Instituto Cultural, 1968.